

HAN, BYUNG-CHUL. **NO ENXAME: PERSPECTIVAS DO DIGITAL**. TRADUÇÃO DE LUCAS MACHADO. PETRÓPOLIS: VOZES, 2018.

Caudatário da tradição fenomenológica, o filósofo sul-coreano, radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, trata do sentido da distância enquanto campo para o exercício da atenção. Quando os caminhos da fenomenologia se abriam para a filosofia, Husserl falava em *epoché*, uma distância que revela a suspensão da relação de proximidade e transparência entre sujeito e objeto, como um exercício fenomenológico para atingir a pluralidade significativa possível da experiência, para além de sua objetividade mecânica e para uma abertura da vida contemplativa. Han, nessa esteira, é um filósofo que se mantém atento ao circundante, mas na medida em que se afasta dele. Realiza um caminho de distância, contudo, tal caminho, assim ele quer nos apresentar, lhe aproxima do âmago daquilo que ele se afasta, e permite-lhe a captura do sentido do que ele se mantém distante. Essa tarefa, de realizar uma experiência de “distância próxima” e “proximidade distante”, é realizada na esfera do digital, na qual Han irá descortinar uma sociedade, a qual ele chamará de “enxame”, o nascimento da psicopolítica e o narcisismo digital. Esse assunto é destrinchado na obra *No Enxame: perspectivas do digital*, com consistente tradução de Lucas Machado.

Han irá, então, no 1º capítulo, intitulado *Sem Respeito*, criticar as relações atuais do mundo digital como relações que carecem de distância necessária para gerar os sentidos e a vivência deles. A falta da distância é o que produz a confusão entre espaço público e espaço privado. O espaço privado, que em teoria exige a distância, sucumbe e dar lugar à onipresença do espaço público, ou melhor, converte-se em espaço público. A distância requer a atenção, o cuidado, o desdobrar-se sobre algo, daí que se relaciona com algo que se priva e se recolhe. Quando isso é corrompido, gera-se o desrespeito. Por outro lado, o espaço público, nessa esteira, também perde seu sentido original. Isso porque ela já está misturada com o privado e emana, no máximo, um tipo de atenção compactada, ao invés da experiência da atenção plena. O espaço público assim, se desorganiza.

No 2º capítulo, intitulado *Sociedade da indignação*, Han irá afirmar que as ondas de indignação, geradas pelas relações digitais, são insuficientes para gerar a estabilidade necessária à constituição do espaço público e, mesmo, da atitude política. Nelas, a atenção é compactada e reduzida, dando lugar à indignação e ao escândalo, à reatividade inconstante e vulnerável. Para Han, a indignação digital não gera nem ação nem poder e isso não permite um espaço público eficiente.

Han utiliza essas primeiras reflexões para, no capítulo 3º, intitulado *No enxame*, refletir sobre o que conceitua por “enxame” - lembremos, tese central e título do seu livro. As relações no campo digital geram agora a era do enxame, que vem substituir a era das massas. A diferença está em que o enxame é incapaz de se organizar e se estruturar enquanto massa. Falta um “nós”

aos indivíduos que se juntam em um enxame. O enxame se revela no barulho, no aglomerado sem reunião e na ausência de alma e espírito.

Em seguida, no o 4º capítulo, intitulado *Desmetiatização*, Han aborda que as relações digitais são, além disso, desmetiatizadas, o que significa que são também desertoras do espaço da representação midiática, como os jornais, o rádio e a televisão, que, embora existentes, são, ainda assim, “superados” pela apresentação sem a *inter(media)ção* representativa. Elas encerram, em suma, a era da representação.

O 5º capítulo, intitulado *Hans, O Esperto*, irá trazer à baila a referência à pobreza do olhar na era digital condicionada pela nossa indiferença com o contato comunicacional real das pessoas, movida também pela intencionalidade da exposição permanente, que, para Han, destrói o não exposto, próprio do que move a necessidade de olhar. O não desvelado como aquilo que se realiza como convite ao desvelar, não se prossegue nesse contexto. O que se deseja, agora, ao se olhar algo, não é o não exposto a vir ser exposto, mas uma nova forma de encobrimento. O excesso do que se mostra vem cobrir algo.

No 6º capítulo, *Fuga na Imagem*, veremos a continuidade dessa reflexão, a qual irá abordar que a exposição virtual irá revelar a fuga de tudo à imagem, que por si é exemplarmente narcisista. Portanto, a fuga “na” imagem também se expressa como fuga “da” imagem real do que circunda os indivíduos. A fuga na imagem em si revela também uma tentativa de parecermos mais bonitos, melhores e mais vivos. A imagem representa o ideal para além do real. Han é enfático: “fotos belas, como imagens ideais, os protegem da realidade suja”. (HAN, 2018, 55).

O 7º capítulo, intitulado *Do agir ao passar de dedos*, vem tratar de algo seminal na obra, a questão do agir e o lugar do gesto das mãos na era digital. Tal gesto, para Han não é imprescindível. As mãos lidam com coisas tangíveis e materiais, já os dedos, ou seja, as digitais (daí o sentido de digital), lidam com o intangível. É a saída do *homo faber* para o *homo ludens*, aquele que joga com o intangível. “O ser humano que passa os dedos sem mão do futuro, o *homo digitalis*, não age” (HAN 2018, 62). Os dedos enumeram e é no enumerável que se instaura o ser do digital.

O 8º capítulo, intitulado *Do camponês ao caçador*, Han recorre ao exemplo da vida do camponês representada na pintura de Van Gogh e discutida por Heidegger, em “*A origem da obra de arte*”. Nessa abordagem, Han irá diferenciar a vida da informação e a vida da verdade. A vida do camponês é um exemplo de vida com a verdade, a vida do caçador é o exemplo de vida com a informação. Enquanto a verdade é seletiva e exclusiva, a vida do caçador é aditiva e cumulativa. Nós, pertencentes à era digital, somos caçadores. Nós não habitamos o espaço, nós percorremos o espaço em busca de presas digitais (as informações, as imagens, etc). Não é a verdade que importa, mas o número de informações intercaladas e subsumidas a uma conquista predatória. A verdade é implícita e a informação é explícita.

O 9º capítulo, intitulado *Do sujeito ao projeto*, aponta para o problema do narcisismo digital no campo da comunidade virtual. Han é incisivo e considera que o sentido de comunidade digital, por sua vez, esconde o narcisismo dos indivíduos. O estar com o outro no digital revela uma âncora narcísica de autodivulgação e autopublicação. Não se trata de estar de fato com o outro, mas de estar subsumindo o outro em pró de própria performance enquanto projeto de si. Também Han aponta para os desastres psicológicos disso e sobre como esse processo narcísico acaba por se voltar contra os seus adeptos, eis a fatalidade mítica de Narciso: dissipar-se, morrer. “O si como belo projeto se mostra como projétil, que ele, agora, aponta contra si mesmo” (HAN, 2018, 88).

No 10º capítulo, intitulado *Nomos da Terra*, Han trará uma crítica à ideologia do “curtir”, fazendo referência ao conceito de negatividade como oposto à esfera das redes que investem na positividade. Para Han, falta à sociedade digital a vivência da negatividade, logo, da dor e do dissabor, falta-lhe a abertura para essa perspectiva na qual o espírito se exala em seu parto. O curtir quantitativo, o curtir aditivo e em série expõe a experiência do negativo, ou, numa perspectiva hegeliana, o *medium* do espírito, que é a dor. Nessa direção, para Han, saímos então de uma fenomenologia do espírito para uma fenomenologia do curtir. Assim, onde só há a permissão do curtir há a ausência das fronteiras e dos contrastes, há a impossibilidade da negatividade. Para Han, isso é a saída do *nomos* da terra, ou seja, da ordem da terra, a saber, aquilo que exprime o sentido de que as coisas possuem suas diferenciações, demarcações e distinções, ou seja, a relação, em suma, entre os contrários.

No 11º capítulo, *Fantasmagorias Digitais*, Han procura definir a comunicação digital como algo fantasmagórico, dando a esse conceito o sentido de algo que se relaciona dialeticamente com o barulhento e o visível. O fantasmagórico é o que parece ser algo escondido, mas que se mostra. É por isso que se coloca como próprio da sociedade da transparência, que, para Han, pode ser compreendida como um fenômeno de superfície. Por isso, ela é espectral. “São algoritmos e máquinas que se comunicam entre si” (100), que por isso produzem o fantasmagórico e do qual advêm fenômenos “impre-visíveis” para nós. “Com a transparência crescente, também cresce a escuridão” (HAN, 2018, 101).

Han aprofunda essa questão no 12º capítulo, *Cansaço da Informação*, ao afirmar que a informação não produz por si nenhuma verdade. “Ela não traz nenhuma luz à escuridão”. (106). Nesse cenário, vivenciamos não só a caça à informação, mas também o cansaço da informação. O cansaço aqui é como um mecanismo de esgotamento por excesso e obrigatoriedade do informacional. Semelhante ao contexto neurofisiológico, quando o excesso de dopamina (hormônio da alegria) gera infelicidade. É no cansaço da informação, pelo excesso dela, que a informação deixa de ser informativa para ser deformativa. A informação se instaura então, entre a caça ávida do que informa e o cansaço anulador do informado.

No capítulo 12º, intitulado *Crise da Representação*, Han irá se referir enfaticamente à transformação das massas em enxames barulhentos, incapazes de constituírem uma esfera pública e, portanto, incapazes de representatividade. Similar à fotografia digital que, diferentemente da fotografia analógica, não se refere ao real, mas apenas o toma como mera citação - já que não é com o real que ela se preocupa, mas com seu projeto - os enxames também assim se relacionam com o eixo político. Não há o referencial político *tout-court* e, nisso, não há o discurso político, mas elementos, citações soltas, enumerações temáticas. Assim Han dispara: “Em que medida a democracia é também pensada sem discurso?” (HAN, 2018, 113). É por uma unidade organizada que Han chama atenção enquanto algo ausente. Essa unidade não tem o agir, porque converteu a ação no passar dos dedos em telas. Nisso, não há discurso, porque apenas enumera informações aditivas, não tem realidade, porque apenas se projeta na fuga da imagem digital.

No capítulo 13º, *De cidadãos a consumidores*, o mercado entra em questão. Passamos de cidadãos para consumidores e há aí uma grande mudança. A sociedade da transparência da era digital nos tem como caçadores de curtidas a partir do que instauramos como fonte e desejo de consumo. Isso é levado até à esfera política, na qual, segundo Han, o digital se torna o espaço eleitoral, no qual o que importante não é representatividade política e a demanda social, mas a propaganda política aliada à caça de dados e acúmulo de eleitores, enquanto consumidores passivos. É o cenário da *Ágora* digital, na qual polis e economia são a mesma coisa.

No capítulo 14º, *Protocolamento Total da Vida*, Han apresenta o problema do protocolamento da vida, trazendo à tona a ideia do panóptico digital para explicar uma sociedade

vigiada num trabalho diário no qual os indivíduos não são os explorados, mas os autoexploradores. Nesse processo, as informações são sobre o que fazemos, o que consumimos, o que escolhemos. E elas são enviadas e partilhadas em uma medida vigilante permitida que se sustenta como um protocolamento de nossas vidas.

No capítulo 15º, *Psicopolítica*, Han investe numa tese que vem repensar a validade do conceito de biopolítica, para pensar no conceito de psicopolítica. Assim, para Han, não é mais sobre o controle de corpos e vidas (biopolítica), mas sobre o controle de mentes (psicopolítica), que precisamos falar para atingir a nervura identitária da sociedade atual. A psicopolítica lê e controla pensamentos, para além da biopolítica, que visa disciplinar os corpos e práticas sociais. Aqui Han irá trazer também o conceito de “inconsciente ótico” da câmera presente nos nossos suportes digitais. Por isso, é possível também falar em “inconsciente digital”. Para Han, o psicopoder vigia o ser humano a partir de dentro, ao contrário do biopoder, que vigia a partir de fora.

A filosofia de Han é uma fuga do mito de uma suposta aldeia global em evolução e com algo promissor a partir dos avanços do digital. É um testamento melancólico de uma geração concebida como condenada. Além disso, é uma maneira de invocar o isolamento crítico e filosófico, como uma forma de recuar conscientemente da esmagadora maioria fadada às práticas mecanizadas e hábitos destruidores do que ele invocará por *medium* do espírito. Nesse contexto, a influência da fenomenologia (que recorre desde Hegel a Heidegger) em Han não é mera soma. Sua posição em relação ao resignio e ao recuo, que permite a solidão e a reflexão diante de um mundo atordoado e coisificado, remete, com frequência, por exemplo, a influências heideggerianas. Essa necessidade de reclusão e solidão filosófica se coloca como um embate diante do enxame global, barulhento e vertiginoso. Han também demarcará, por isso, uma voz distópica da realidade digital, saindo na contramão de uma perspectiva acolhedora e, até mesmo compromissada, como vemos em um Pierre Lévy ou Marshall McLuhan. Não há lugar para abraçar qualquer positividade do digital. É na negatividade, e é por ela, que Han se coloca. Resta-lhe resignar-se em seu jardim, assumindo uma vida contemplativa, como ele diz fazer, ao negar o convite do enxame.

Ana Monique Mouraⁱ

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

anamoniquemoura@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8195-6180>

ⁱ Bacharelado, Mestrado e Doutorado em Filosofia. Pesquisa acadêmica de Doutorado realizada com orientação do professor Dr. E. A. Azevedo no Brasil e com orientação do prof. Dr. Christoph Türcke na Alemanha. Alma Mater UFPB. Professora Temporária do Departamento de Filosofia da UERN em Caicó.